

RESENHA

Crianças no museu: mediação, acessibilidade e inclusãoVera Lucia de Azevedo Siqueira¹

A visita de crianças a museus, atualmente tão discutida, propõe uma série de questões como: Estão os espaços culturais preparados para receber o público infantil? Como os museus recebem esses grupos? O que é mediação cultural? Como trabalhar a acessibilidade e a inclusão? Que obstáculos surgem nessa interação?

Para responder a essas e outras perguntas, foi lançada a publicação *Crianças no museu: mediação, acessibilidade e inclusão*, fruto dos encontros e debates no âmbito do projeto Museu de Ideias, realizados em 2016 por profissionais das seguintes instituições do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST, Museu Casa de Rui Barbosa, Museus Castro Maya, Museu Nacional/UFRJ e Museu da Vida/Fiocruz.

Organizada em sete capítulos, a obra tem como objetivo divulgar ações educativas promovidas em espaços culturais de diferentes tipologias, com a escolha do meio eletrônico para atingir um público mais amplo.

No primeiro artigo, “Mediação cultural nos museus: reflexões sobre práticas educativas com crianças”, Thamiris Bastos Lopes observa que, de acordo com estudos, o desenvolvimento humano ocorre quando o indivíduo se apropria da experiência acumulada pelas gerações por meio de produtos materiais e intelectuais. Sendo o museu um espaço que contém os saberes produzidos e acumulados pela humanidade, é importante uma boa mediação entre crianças e os artefatos em exposição já que pesquisas revelam que visitas escolares implicam, entre outros, problemas de segurança das coleções e para a

¹ Graduada em Museologia/ UniRio; Especialista em Educação a Distância / UnB; Mestre em Educação/ UnB. Atua na área de museus em Brasília, DF. E-mail: veralu8@gmail.com.

tranquilidade das salas; inadequação dos espaços; não adaptação das mensagens expositivas e a falta de escuta a esse tipo de público. Por isso, a autora defende um planejamento consistente, com mediação adequada que considere os interesses e necessidades específicas das crianças, levando-as a experimentar, transformar e criar em nossos museus.

O texto a seguir, “Leitura e cultura: um projeto de biblioteca infanto-juvenil”, relata os procedimentos e resultados da pesquisa-ação da professora Cristina Carvalho para o projeto realizado na Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti, sediada em um museu, a Fundação Casa de Rui Barbosa/RJ. Baseada nos princípios do patrono da instituição, ou seja, formação do leitor, incentivo à leitura e formação do cidadão, a autora elaborou um plano educacional utilizando na sua investigação revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas com antigos servidores e estudo de usuários para propor a reestruturação das atividades daquele espaço. A análise dos dados revelou, entre outros, a importância da BIMM para a comunidade e a falta do hábito de leitura da população. Ao final, a professora defende o conhecimento do público-alvo, a formação de uma equipe qualificada, com o envolvimento de profissionais de diferentes áreas e um setor educativo bem estruturado voltado para atender a esse público específico. A experiência, segundo a autora, pode contribuir para o desenvolvimento de propostas similares em bibliotecas e instituições afins.

Na sequência, Maria Emília Tagliari Santos, em “Bebês no museu: processos, relações e descobertas”, faz uma reflexão sobre o contato de crianças de 0 a 3 anos com acervos museológicos, baseando-se no conceito de artefato e nos estudos recentes sobre desenvolvimento infantil e sua relação com a cultura. Segundo a autora, nem sempre o conjunto de artefatos de um museu estabelece facilmente relações com bebês. Mas há instituições que vêm desenvolvendo, de forma bem sucedida, estratégias com base em estudos de formas de aprendizagem e a importância das relações sensoriais e afetivas junto a esse público. Assim, a utilização de elementos que extrapolem a mera contemplação

dos objetos torna-se recurso recorrente. Por isso, materiais como objetos com diferentes texturas, espelhos, brinquedos, tecidos, lanternas, bem como música e jogo com palavras vêm sendo explorados por educadores, levando sempre em consideração o tipo de acervo de cada museu.

Em “Crianças e conversas sobre uma exposição interativa”, Adriana Vicente da Silva de Souza propõe um exercício de avaliação de atividades realizadas em museus de ciências junto a escolares tendo como referência a mostra temporária *Caminhos do passado, mudanças no futuro*. Realizada na Casa da Ciência da UFRJ, tendo por tema as transformações geológicas ocorridas na Terra, a mostra incluiu ambientes cenográficos, peças do acervo científico e multimídia. Partindo do princípio que museus e centros de ciência interativos são espaços de popularização da ciência que visam provocar curiosidade e reflexão acerca dos temas tratados, a autora reconhece, no entanto, que poucos realizam uma avaliação de suas atividades. Assim, depois de aplicar entrevistas com perguntas abertas feitas a alunos da pré-escola ao 9º ano, além de solicitar textos e desenhos, ao longo de 10 a 15 dias após a visita à exposição, a autora identificou o que realmente foi retido nas mentes dos alunos e o que foi esquecido, fornecendo subsídios para aperfeiçoar a relação museu-escola.

Em seu ensaio “Refletindo sobre vivência e experiência para pensar a acessibilidade de crianças surdas em museus”, Ana Luísa Antunes defende a importância da utilização da Linguagem Brasileira de Sinais/Libras e as possibilidades lúdicas implícitas nessa atividade. A autora atua com crianças de cinco anos em uma escola bilíngue em que a Libras é a primeira língua e o português, a segunda na modalidade escrita. Segundo seu relato, o museu está cada vez mais aberto para a recepção de crianças com necessidades especiais. No entanto, apesar de ser um lugar de todos, relevante por instigar reflexões, causar espanto e sensibilizar, na visita a museus há dificuldade em se ter um intérprete de Libras ou mediadores de conteúdo qualificados para atender a esse público, já que essa língua nem sempre é adaptada para crianças que ainda não

possuem vocabulário. Assim, a autora propõe um trabalho de contextualização antes da visita, instigando a curiosidade das crianças. Já no museu a vivência é sensorial. De volta à escola, a narrativa da experiência, feita na língua de sinais, é complementada por exercício criativo com utilização de desenhos, massinha, brinquedos etc., além da exibição de fotos da visita no mural da sala de aula.

No capítulo seguinte, “A educação especial em visitas a museus: relato de experiências”, Rosani Fernandes Ribeiro da Silva avalia visitas a museus do Rio de Janeiro com seus alunos com síndrome de Down, autismo e esquizofrenia, destacando os pontos positivos e negativos desse trabalho. De início, a autora reflete sobre a questão da inclusão e a dificuldade de se trabalhar com o “diferente”, mesmo no ambiente escolar. A professora narra experiências sem mediação, como a divertida visita ao Museu Imperial, com alunos de 16 a 20 anos, ou a frutífera visita à exposição de Arthur Bispo do Rosário, com exibição de objetos feitos com sucata, o que propiciou de volta à escola oficinas de materiais recicláveis. Hoje atuando com alunos com deficiência intelectual/DI, a maioria na faixa de 20 a 33 anos, a autora reconhece que houve um avanço na inserção de pessoas com deficiência nos espaços culturais. No entanto ressalta que, para melhor atender a esse público, além de cumprir as leis já existentes, é preciso que os museus aperfeiçoem seus setores educativos.

Concluindo a obra, encontra-se o relato “Passeando com Mariana”, de Patrícia Monteiro Lima Chagas, que retrata práticas inclusivas por meio de recursos lúdicos fora do ambiente escolar. Com base em parâmetros da Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento/AAIDD, a professora implantou um projeto junto a seus alunos com deficiência intelectual, levando-os a visitar espaços não formais de aprendizagem e lazer, como museus, jardins zoológicos e parques.

Utilizando como recurso ou suporte pedagógico a boneca Mariana, a autora encenou em sala de aula “O passeio de Mariana ao zoológico”, valendo-se também

de uma narrativa, animais de pelúcia e estímulos sonoros. Para a professora, diante da brincadeira, a criança desperta seus canais sensoriais trabalhando, entre outros, a atenção, o esquema corporal e a função simbólica. A partir daí, a boneca acompanhou as crianças em todas as saídas. Essa experiência atingiu seus objetivos já que, segundo Patrícia, o lúdico contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

A educação informal como é praticada nos museus visa a suscitar, entre outros, a curiosidade e a reflexão, desenvolvendo os sentidos. As coleções dos museus podem ser apreendidas facilmente pela visão, audição e, algumas vezes, pelo tato, sensibilizando os visitantes pela carga simbólica e imaginária que trazem em si. Os relatos diversos presentes neste livro eletrônico constituem uma contribuição muito bem-vinda para o debate da visitação do público infantil aos museus, principalmente no que toca aos deficientes, tema que constitui um desafio, sendo pouco abordado em publicações do gênero. Além disso, essas narrativas deixam claro o quanto ainda falta aos museus brasileiros avançar em relação a itens importantes como a acessibilidade, a adaptação dos conteúdos das exposições, com elaboração de roteiros flexíveis, a produção de material adequado e o preparo de equipes voltadas à mediação para atender a grupos tão específicos. Por isso mesmo, a leitura desta publicação é recomendada a todos os que se interessam por educação inclusiva, cultura, enfim, por este tema tão oportuno e atual.

REFERÊNCIAS

COSTA, Andrea Fernandes; RANGEL, Aparecida Marina de Souza et al. (Orgs.). *Crianças no museu: mediação, acessibilidade e inclusão*. Museu de Ideias, edição 2016. Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2017. 118 p. Disponível em: <https://saemuseunacional.files.wordpress.com/2017/10/crianc3a7as-no-museu-edic3a7c3a3o-2016-museu-de-ideias_publicac3a7c3a3o-1-1.pdf>. Acesso em: 3/12/2017.